

oglobo.globo.com

Crítica: 'Nastácia'

Patrick Pessoa

18-24 minutos

Espetáculo com dramaturgia de Pedro Brício se inspira em obra de Dostoievski para constituir uma paradoxal polifonia silenciosa

Patrick Pessoa

20/12/2019 - 04:57



Cena da peça 'Nastácia' Foto: Guto Muniz / Divulgação

É sempre um prazer ver uma grande obra da literatura universal, como “**O idiota**”, de **Dostoievski**, ser operada em cena de forma crítica e inventiva.

[CONFIRA: Toda a programação de teatro no Rio](#)

Recentemente, a diretora paulistana Cibeles Forjaz encenou “Dostoievski trip”, de Vladimir Sorókin, na qual sete viciados em drogas tomavam uma nova droga

chamada “Dostoievski” e, de súbito, eram convertidos nas sete personagens principais de “O idiota”. Para além do instigante paralelo entre a experiência imersiva de se ler um romance longo e uma viagem lisérgica, na qual o leitor “viaja” e vira algum dos personagens do livro que tem em mãos, o sumo daquele trabalho era a “ressaca da droga”, quando a identificação empática com um personagem dostoiveskiano começava a baixar e cada um dos “viciados” estabelecia paralelos entre as personagens do romance e suas próprias vivências.

No caso de “**Nastácia**”, com dramaturgia de **Pedro Brício**, a operação é ainda mais radical. [Mais do que uma interpretação de um clássico do século XIX,](#) o que o dramaturgo propõe é uma verdadeira amputação do original. Fiel ao exemplo de Carmelo Bene, que encenou um Romeu e Julieta sem a personagem de Romeu, Brício construiu sua subversiva adaptação de “O idiota” sem o idiota, isto é, sem o príncipe Míchkin.

A dramaturgia concentra-se na festa de aniversário de 25 anos de Nastácia Filipovna, quando a antiga “protegida” de Tótski, que abusou sexualmente dela dos 12 aos 25 anos, proclama sua independência e recusa a proposta indecente de seu velho abusador. Tótski desejava que ela se casasse com Gânia, arrivista que tinha aceitado comprometer-se com aquela “mulher manchada” apenas por dinheiro.

A direção de **Miwa Yanagizawa** é o ponto alto do espetáculo. A diretora coreografa com rara precisão o confronto entre as três personagens – das sete originais, restam Nastácia, Gânia e Tótski, vividos de forma nada maniqueísta por **Flavia Pyramo**, Odilon Esteves e Julio

Adrião.

Além disso, estabelece um jogo entre os atores e o público que converte os espectadores não apenas nos convivas da festa de Nastácia, mas, em alguns momentos, nos próprios personagens ausentes. É assim que, a certa altura, ouvindo o “sopro” de um dos atores, um espectador dá uma fala de Míchkin. É assim que todos os demais presentes a essa peça-festa, como se estivessem sob o efeito de uma droga chamada Dostoievski, se permitem imaginar suas respostas àquela situação, constituindo uma paradoxal “polifonia silenciosa”.



A atriz Flávia Pyramo, em cena da peça 'Nastácia' Foto: Guto Muniz / Divulgação

Para o caráter polifônico do espetáculo concorre ainda a eloquente instalação cênica de **Ronaldo Fraga**, feita de molduras vazias, que reforçam o convite para que cada espectador preencha a cena com suas próprias associações; e também os figurinos do mesmo Ronaldo Fraga, entre o retrato de época e o contemporâneo,

materializando a temporalidade peculiar às grandes obras do passado.

“Nastácia”, a começar pelo título, é um libelo feminista. Se o “final infeliz” dessa mulher extraordinária acaba sendo fiel ao imaginado por Dostoievski, ele não obstante nos incita a reagir e a imaginar finais menos sombrios para as mulheres de nosso tempo.

Centro Cultural Banco do Brasil (Teatro III): Rua Primeiro de Março 66, Centro — 3808-2020. Sex a dom, às 19h30. R\$ 30. 100 minutos. Não recomendado para menores de 16 anos. Até 22 de dezembro.